

## JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1



**ENVELHECIMENTO E METANOIA:  
REFLEXÕES PSICANALÍTICAS  
POSSÍVEIS A PARTIR DO CURTA-  
METRAGEM GUIDA, DE ROSANA URBES**

**AGING AND METANOIA: POSSIBLE  
PSYCHOANALYTIC REFLECTIONS  
FROM THE GUIDA SHORT FILM, BY  
ROSANA URBES**

**Maria Lucilene Frazão SOUSA**  
Faculdade Católica Dom Orione (FCDO)  
E-mail: malufrazao5@gmail.com

**Ana Letícia Guedes PEREIRA**  
Faculdade Católica Dom Orione (FCDO)  
E-mail: analeticiagp@gmail.com



## RESUMO

Analisam-se neste trabalho alguns elementos que compõem o curta-metragem premiado *Guida*, criado e produzido por Rosana Urbes, por meio da ideia de decomposição das imagens psicanalíticas evocadas no curta. A partir da história da personagem principal, estabelecemos como a trajetória dela pode se associar ao processo psicanalítico da metanoia descrito por C.G. Jung, interpretando como, dentro do curta, esse processo possui sua crise e sua sublimação. Por fim, analisamos em que medida o caminho da personagem pode ser catártico e o quanto esse caminho pode trazer à reflexão a condição das idosas brasileiras.

**Palavras-chave:** Análise fílmica. Envelhecimento. Metanoia. Bem-estar das idosas brasileiras.

## ABSTRACT

This work analyzes some elements that make up the award-winning short film *Guida*, created and produced by Rosana Urbes, through the idea of decomposition of the psychoanalytic images evoked in the short. From the main character's story, we establish how her trajectory can be associated with the psychoanalytic process of metanoia described by C.G. Jung, interpreting how, within the short film, this process has its crisis and its sublimation. Finally, we analyze to what extent the character's.

**Keywords:** Film analysis. Aging. metanoia. Well-being of Brazilian elderly women.

## INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo natural e faz parte do desenvolvimento humano. Entretanto, para algumas culturas, como por exemplo, a cultura brasileira, envelhecer é algo indesejável, recheado de estereótipos e preconceitos. Essa representação negativa da velhice, internalizada inconscientemente na juventude e reforçada durante décadas pela sociedade, afeta as expectativas e autoestima da população idosa impedindo que vivenciem plenamente a velhice (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2010).

De acordo com Rodrigues e Soares (2006), envelhecimento deve ser compreendido como uma fase normal e produtiva do ser humano, na qual a pessoa pode ter perdas e

ganhos. Sendo importante que os ganhos sejam realçados sobre as perdas. Assim o sujeito em processo de envelhecimento buscará um novo sentido nesta etapa do curso da vida.

O crescente envelhecimento da população em todo o mundo, aliado ao avanço das pesquisas e tecnologias, contribuíram para o aumento da expectativa de vida e consequentemente da longevidade humana. Percebe-se que, desde a década de 1990, para além de uma imagem mais ativa da terceira idade, tem-se aberto espaço para que também durante esse período do ciclo vital essas pessoas consigam realizar atividades que incrementem qualidade de vida e mesmo possibilitem a concretização de desejos anteriormente impossibilitados por contingências sociais ou econômicas, como por exemplo, o acesso a Universidades (ROZENDO e JUSTO, 2011). Com isso, faz-se importante compreender o processo de envelhecimento nos dias atuais e refletir acerca de questões prementes sobre a relação entre longevidade e saúde física e mental.

Jung (2013) compara o percurso realizado pelo sol ao ciclo vital do ser humano. O sol nasce e eleva-se no horizonte, ao meio-dia encontra-se em seu ponto mais alto passando a realizar um movimento descendente até se pôr ao fim da tarde.

De acordo com esse autor, o foco principal do ser humano, na primeira metade da vida é realizar o movimento de crescimento e realização voltado para a adaptação ao mundo exterior. Nesta etapa, o jovem luta para ser aceito e conquistar um lugar na sociedade, escolhe uma profissão, busca uma colocação no mercado de trabalho, constrói uma família, dedica-se para adquirir bens materiais e um status social, modificando a própria natureza para se adaptar às exigências da sociedade.

Ao analisar os processos de construção individuais no Brasil, Ceneide Maria Cerveny também enfatiza que na primeira etapa da vida, os processos de aquisição tomariam um contorno concreto daquilo que se pensa uma vida segura - uma estrutura familiar, um bom emprego, uma moradia adequada, e condições que tragam um conforto material imaginado por cada indivíduo (CERVENY, 1997).

Porém, como a própria autora pontua junto com Santos, à velhice, constroem-se uma série de estereótipos culturais ligados a um imobilismo - ausência da necessidade de aprendizado, da prática de novas atividades, uma imagem de assexualidade sobre o idoso - que “confluem para situações de inadequação e podem fazer aflorar sentimentos de angústia, propiciar a sensação de impotência ou levar a sintomas como a depressão” (SANTOS et al., 2014, p. 84). Como pontua Jung, sobre o processo de envelhecimento,

Entramos totalmente despreparados na segunda metade da vida, e, pior do que isto, damos este passo, sob a falsa suposição de que nossas verdades e nossos ideais continuarão como dantes. Não podemos viver a tarde de nossa vida segundo o programa da manhã, porque aquilo que era muito na manhã, será pouco na tarde, e o que era verdadeiro na manhã, será falso no entardecer (JUNG, 2000, p. 167).

Quando Jung compara o processo de desenvolvimento humano ao percurso realizado pelo sol, fazendo uma analogia do que ocorre ao meio dia com a metade da vida humana, ele também aponta o despreparo do indivíduo para esse momento, indicando uma transição dos paradigmas individuais que gera medo pela questão de mudança.

O autor afirma que nesta etapa da vida, “prepara-se uma mudança psíquica muito importante, que se inicia no inconsciente, ressaltando que podem ocorrer inversões de valores”, como ele explica:

Muitas vezes é como uma espécie de mudança lenta do caráter da pessoa; outras vezes são traços desaparecidos desde a infância que voltam à tona; às vezes também antigas inclinações e interesses habituais começam a diminuir e são substituídos por novos. Inversamente — e isto se dá com muita frequência — as convicções e os princípios que os nortearam até então, principalmente os de ordem moral, começam a endurecer-se e enrijecer-se, o que pode levá-los, crescentemente, a uma posição de fanatismo e intolerância, que culmina por volta dos cinquenta anos (JUNG, 1934/ 2000, p.165).

Seguindo essa perspectiva de reflexão, este trabalho tem como objetivo analisar a vivência da protagonista do curta-metragem *Guida* na fase de transição para a velhice e, mais especificamente, compreender o processo de rompimento de paradigmas e preconceitos para vivenciar um novo estilo de vida à personagem idosa. A análise da personagem fílmica torna-se assim um exemplo qualitativo das possíveis experiências e trânsitos no enfrentamento e aceitação da condição da velhice na sociedade contemporânea, sobretudo para as mulheres.

Por fim, o estudo também identifica o lugar social em que *Guida* se encontra, para pensar suas especificidades ante o quadro geral brasileiro. Ao identificarmos esses lugares, estabelecemos uma reflexão entre *Guida* e o contexto brasileiro do envelhecimento da mulher ante as questões sócio-econômicas da mulher idosa no Brasil.

## GUIDA

O curta-metragem *Guida* foi produzido em São Paulo, Brasil, pela RR Animação de Filme, criado, produzido e dirigido por Rosana Urbes, entre 2012 e 2014, divulgado pela primeira vez no Anima Mundi de 2014. A obra se encontra disponível no canal oficial da Sunny Side Up Production no aplicativo Vimeo e no YouTube, com duração de 11 minutos e 20 segundos.

*Guida* foi produzido pela diretora a partir da tecnologia tradicional de desenhos 2D com cerca de 8 a 12 mil rascunhos móveis (BATE PAPO ILUSTRADO, 2017). No mesmo ano de seu lançamento (2014), o curta brasileiro destacou-se por ganhar no Anima Mundi, pelo voto popular, os prêmios de Melhor Curta Brasileiro, tanto em São Paulo, quanto no Rio de Janeiro, além dos prêmios Canal Brasil no Rio de Janeiro e Prêmio BNDES, em São Paulo. Além disso, o filme também foi premiado no Festival de Annecy, na França, em 2015. Rosana foi, inclusive, a primeira mulher a ganhar o prêmio de Melhor Curta-metragem no Anima Mundi (ARTE ABERTA, 2016).

*Guida* se tornou um marco, tanto pelo número de prêmios obtidos em 2014, quanto pela inédita conquista feminina, visto que pela primeira vez uma mulher venceu na categoria de melhor curta-metragem. Urbes se considera ilustradora e desenvolvedora de animações, como pontuado em entrevista ao SBT em 2016 (ARTE ABERTA, 2016).

## **METODOLOGIA**

Gil (2002) comenta que as pesquisas exploratórias têm como objetivo principal o aperfeiçoamento de ideias ou a descoberta de intuições. Além disso, possibilitam maior familiaridade com o problema, visando torná-lo mais claro e auxiliando na construção de hipóteses.

Levando em consideração que analisamos o filme como documento, consideramos o processo produtivo da diretora e sua trajetória na construção do curta-metragem e a forma como ela considerou a construção de sua personagem principal, foco dessa análise.

Com o curta-metragem, pretende-se fazer um paralelo entre o filme e a realidade vivenciada por mulheres na fase da meia-idade, ou seja, em transição para a velhice, buscando subsídios sobre essa fase do ciclo vital que contribuam para as discussões acerca do tema abordado neste trabalho. Como apontou Weimann:

O cinema é considerado uma técnica do imaginário, por fundar-se em imagens em movimento e por frequentemente consistir em uma narrativa ficcional, todavia ele também pode ser abordado como uma linguagem.

Nessa perspectiva, como se entrelaçam fluxo de imagens e significante, entendido para além da semiótica, ou seja, na acepção psicanalítica? Que modalidades de relação se estabelecem entre narrativa ficcional e trama significante? Enfim, qual a singularidade do significante cinematográfico? (WEIMANN, 2017, p. 7).

Conforme o autor escreve, mesmo relacionado ao imaginário, o cinema parte de um universo comum, e, assim, a compreensão de sua linguagem e de sua mensagem perpassa por códigos simbólicos comuns. Dessa forma, analisar um filme sob a perspectiva psicanalítica para ele implica em observar como o fluxo de imagens se intercala com os diversos símbolos presentes no filme que se interpelam.

Para isso, a decomposição das imagens se faz importante para conseguirmos identificar símbolos e pensar suas inserções e significados na organização do filme. Dessa forma, nossa proposta de análise fílmica aproxima-se ao mencionado por Manuela Penafria (2009):

Analisar um filme é sinônimo de decompor esse mesmo filme. E embora não exista uma metodologia universalmente aceita para se proceder à análise de um filme (Cf. Aumont, 1999) é comum aceitar que analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar (Cf. Vanoye, 1994). A decomposição recorre pois a conceitos relativos à imagem (fazer uma descrição plástica dos planos no que diz respeito ao enquadramento, composição, ângulo,...) ao som (por exemplo, off e in) e à estrutura do filme (planos, cenas, sequências). O objectivo da Análise é, então, o de explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação (PENAFRIA, 2009, p. 1).

Nosso intuito compreende, portanto, a partir da abordagem de Penafria, identificar aspectos do curta que fazem parte da animação e que remetem às percepções sobre a velhice utilizadas pela animadora e desenhista na composição do filme e, como essa série de imagens compõe uma interpretação própria - com elementos da psicanálise - sobre o envelhecimento e sobre as possibilidades de mudança de perspectiva sobre a velhice - sobretudo feminina.

## ASPECTOS SIMBÓLICOS EM GUIDA

Ao decompor as imagens do filme chegamos a cinco aspectos simbólicos que mereceriam menção para estabelecermos uma interpretação sobre as reflexões que Guida traz sobre o envelhecimento e as possibilidades de mudança junto ao envelhecimento.

Em primeiro lugar, percebe-se logo nas primeiras cenas, várias flores soltas, voando; logo adiante outras cenas mostram o cobertor, a camisola e a capa do sofá com

estampas de lindas flores. Em outra cena, observa-se também, um vaso com flores decorando a cozinha da protagonista. Para Chevalier e Gueerbrant (2001), as flores possuem diversos significados simbólicos, como: a sensibilidade, a beleza, o amor e vida nova. Assim, compreende-se o simbolismo das flores, no filme, para representar a beleza e a sensibilidade feminina da personagem Guida. No todo animado, essas flores também se tornam contraditórias: se, no princípio da animação estão vivas, quando a animação se inicia estão estáticas, impressas, como estampa; como se adormecidas.

Também, na sequência, Guida, ao olhar-se no espelho, vivencia momentos de contemplação e descobertas de transformações de seu corpo. Durante as atividades rotineiras da manhã, ao se olhar no espelho, a protagonista nota algumas rugas. Ao vestir-se para ir ao trabalho, observa também outros efeitos do tempo em seu corpo relacionado aos seus seios e braços e o surgimento de dobras em seu desenho corporal. Estas descobertas assustam a protagonista, sinalizando o envelhecimento de seu corpo. Como pontua Santos et al., “Assim como o adolescente não tem controle sobre as transformações do próprio corpo com a passagem do tempo, o velho encontra-se com as escritas do tempo sobre si e não reconhece essa pessoa que o olha no espelho” (SANTOS et al., 2014, p. 91).

Essa sensação observada por Guida também foi mencionada amplamente por mulheres na pesquisa de Fernandes e Garcia (2010), que relatavam as percepções de sentido da velhice entre homens e mulheres. Como os autores pontuam:

Vale salientar que a feiura parece emergir inexoravelmente no processo de envelhecimento. Assim, no imaginário social, a ideia de velhice e beleza parece sempre inconciliável. Nesse contexto, as mulheres idosas, diante o conflito entre o vivido na sua corporalidade e o esperado pela sociedade, encontram na velhice o atributo da "experiência" (FERNANDES E GARCIA, 2010, p. 4).

No caso de Guida, pela condição de solteira, esse atributo da “experiência” - que se confere sobretudo às idosas que tiveram filhos e netos - não se coloca de forma tão afirmativa, mas, sobretudo quando os autores pensam na beleza feminina a partir da metáfora “da flor perdendo as pétalas” (FERNANDES E GARCIA, 2010, p. 3).

A rotina e os trabalhos no Arquivo, carregam outro aspecto simbólico. Guida trabalha, há 30 anos, como arquivista no Fórum da Praça João Mendes, capital do estado de São Paulo. A cena que mostra a rotina e o ambiente de trabalho da protagonista, evidencia que o arquivo é o espaço da instituição, onde são guardados todos os documentos importantes que não estão mais sendo utilizados no momento. Por se tratar de

um arquivo de uma grande instituição, observa-se que existe uma enorme quantidade de processos que são recepcionados, carimbados e arquivados diariamente por Guida. Trata-se de um trabalho que exige esforço físico, visto que para manter a organização, ela precisa carregar pilhas de papel muito pesadas. Percebe-se que sua rotina de trabalho como arquivista é monótona, repetitiva e desgastante, não proporciona nenhum estímulo para que a protagonista explore sua criatividade e se sinta bem. Novamente, tal como as flores, a vida e a energia estão apenas armazenadas, não se colocando em potência.

Pelo fato de Guida não ter formado família, mas, trabalhar, podemos também associá-la a outro elemento citado por Fernandes e Garcia (2010) como mais frequente em falas de idosos homens, caso da aposentadoria, que, no curta, também se converte em outro momento simbólico. Na comemoração pelos trinta anos de trabalho no fórum - tempo de serviço suficiente a uma mulher se aposentar - Guida ganha de presente dos seus colegas de trabalho uma fotografia antiga emoldurada que retrata também o grupo comemorando dois anos de trabalho nesta mesma instituição.

Ao olhar esta foto, a protagonista fica reflexiva e se convence de que ao longo desses trinta anos todos haviam envelhecido. Percebe-se que neste momento, tenha despertado nela o desejo de mudança de vida. Na cena seguinte, ao ler o jornal, Guida observa o seguinte anúncio: “Precisa-se de modelos para aulas de modelo vivo”. A partir deste momento, ela se imagina nessa função e começa a enxergar a velhice de modo poético e sensível. Inicia-se o processo de transformação da vida da protagonista.

A cena posterior, em frente à televisão, na qual a personagem mergulha seus pés em água, também sintetiza esse ponto de mudança. O escalda-pés é uma prática muito antiga, utilizada por várias civilizações no decorrer dos séculos. Apesar de ter o foco nos pés, a prática do escalda-pés, também beneficia todo o corpo, proporcionando relaxamento, redução do estresse e sensação de bem-estar. Esta técnica também considerada uma terapia, consiste em mergulhar os pés num recipiente espaçoso e um pouco profundo, com água morna, deixando por algum tempo os pés imersos. (ALVES, et al.).

No curta-metragem, percebe-se que a protagonista, após um dia de trabalho estressante no arquivo do Fórum, recorre a esta prática visando obter um relaxamento de seu corpo e sentir-se bem. Considerando todos os elementos simbólicos do filme, trata-se de um ponto de viragem, tal como a reflexão de Heráclito “Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele o ser entra novamente, não se encontram as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou”. Esse escalda-pés também é um símbolo da



ratificação da decisão. Percebe-se, assim, o ponto de viragem de Guida: a vontade suficiente de mudar e correr riscos em ser o modelo vivo.

Esses cinco elementos, no filme, apresentam assim os gatilhos emocionais que se estabelecem à Guida: seu ímpeto sensível e criativo, a visão da passagem do tempo em suas diversas resultantes - sobretudo corporal e mental - e o esvaziamento de sentido das suas atividades de rotina, seja do cotidiano pessoal seja do profissional. Todos esses aspectos são alvo de reflexões do ser na velhice e, torna-se fundamental o estabelecimento de sentido à própria existência (FERNANDES E GARCIA, 2010). O anúncio de jornal, procurando modelos vivos, traz justamente a oportunidade de um ponto de virada na vida da personagem.

Conforme mostra o curta, para Guida, o ato de converter seu corpo em arte - pela modelagem - sublimou e trouxe sentido poético à sua existência, preenchendo aquilo que ela passou a entender como um vazio ao completar o tempo de trabalho no Arquivo - rumando à aposentadoria. Assim, a modelagem é, para Guida, um meio de arte pela qual ela consegue dar sentido à própria vivência, o que a torna, em certo sentido, uma artista. Conforme Lima, Camargo Viana e Lima (2015) citam de Freud (1911).

A arte promove uma reconciliação entre os dois princípios por uma via peculiar. Originalmente o artista é uma pessoa que, por não conseguir se houver com a exigência de renúncia à satisfação pulsional de início requerida pela realidade, afastou-se da realidade e, no mundo da fantasia, deu livre curso a seus desejos eróticos e ambiciosos. No entanto, é capaz de encontrar o caminho de volta desse mundo da fantasia à realidade, graças a um talento especial para moldar suas fantasias em realidades de um novo tipo, aceitas pelas pessoas como imagens valiosas da realidade (FREUD, 1911, s/p).

Tal qual esses autores ponderam em relação à produção de escritores na velhice, Rosana Urbes registra na animação esse processo ocorrendo com Guida, pois,

A partir da capacidade de ir e vir do mundo da fantasia, o escritor consegue, via cultura, certa descarga pulsional sem a atuação direta no real. Além disso, obtém uma espécie de prazer secundário com o reconhecimento e aceitação social com suas imagens da realidade, que são desejos condensados nos textos produzidos, sejam eles escritos, falados, pintados ou esculpidos (LIMA, CAMARGO e LIMA, 2015).

Observa-se que, para além de todos os elementos simbólicos mencionados anteriormente - explosão de flores, alterações de modelamento de corpo, o esquema de cores da animação também se altera com a “iniciação” de Guida como modelo artístico: as

paisagens e os desenhos de cenário saem de um tom sépia para um aquarelado mais colorido, talvez isso refletindo o próprio reconhecimento social e aceitação de seu trabalho como arte, para si mesma.

Seguindo a questão do corpo de Guida, ao final do curta, o corpo, anteriormente estático, dança em salões de bailes, evocando a plasticidade do indivíduo e a possibilidade de interação social, também, por meio de outra Arte - a dança.

Sendo assim, enquanto interpretação, se pensarmos um encaminhamento moral, Guida apresenta o ser humano como necessitado da Arte e de um entendimento poético a respeito daquilo que faz para estabelecer um sentido à própria vida. O fato de Guida ser uma pessoa idosa traduz a fragilidade da pessoa em relação ao tempo; a juventude vai, os desejos permanecem e, fica a pergunta: por que não se dar vazão aos ímpetus criativos mais jovens?

Sobre essa pergunta, Jung aponta um encaminhamento de resposta, ao refletir sobre como nos deparamos com as questões ao longo da vida de forma diferente:

Os grandes problemas da vida nunca são resolvidos de maneira definitiva e total. E mesmo que aparentemente o tenham sido, tal fato acarreta sempre uma perda. Parece-me que a significação e a finalidade de um problema não estão na sua solução, mas no fato de trabalharmos incessantemente sobre ele (JUNG, 2000, p. 167).

A contribuição que Jung lança ajuda a entender que é possível encontrarmos soluções e encaminhamentos diferentes para nossas questões individuais ao longo de toda a vida e, o fato de as buscarmos nesses diferentes momentos, por diferentes vieses, é, também, um mecanismo de amadurecimento e atividade do próprio cérebro, que ajuda na manutenção da saúde mental.

Sendo assim, não importa aqui o fato de Guida só ter buscado realizar seu sonho após a fase de aquisição de Cerveny (1997), mas, importa que ela percebeu seus momentos de descontentamento e reconheceu ferramentas em sua própria vida que a conduziram a buscar, por novos mecanismos, - mas, ainda assim, pela arte - sua realização pessoal.

## **GUIDA E O "ESBOÇO"**

Trabalhamos até aqui com os sentidos internos do filme, como ele se estrutura para pensar a relação da arte com o indivíduo, com os sentidos atribuídos à existência, assim como com as alterações possíveis que esse sentido pode ter ao longo da própria existência.

Porém, Guida é um curta-metragem fílmico, o que implica estar em contato direto com espectadores. Nesse sentido, como podemos entender a mensagem que chega a seus espectadores? O que Rosana Urbes gostaria de conversar com cada um de nós?

Em entrevista ao blog “Bate Papo Ilustrado”, Urbes menciona que “Guida é um esboço” e foi pensada para ser exatamente assim. Refletindo essa percepção em termos semânticos, esboço é tudo aquilo que se constrói e se reconstrói, e se altera conforme necessidades externas. Esse termo pode ser muito refletido, também, em termos psicanalíticos, como um entendimento do indivíduo, que constrói e se reconstrói por meio de fatores que muitas vezes não tem preciso controle. E, por fim, também nos serve a entender o universalismo da obra de Urbes, uma vez que o esboço serve a qualquer indivíduo, justamente por ser adaptável.

E assim, como coloca sua própria criadora, Guida é um esboço de várias mulheres. A garota que gostava de dançar e tirar fotos foi ficando cada vez mais de lado para que a jovem Guida pudesse adquirir estabilidade no mercado de trabalho. Talvez ela tenha precisado estudar muito para passar em uma seleção e conseguir aquela posição, posteriormente é possível que ela tenha precisado se empenhar muito mais do que seus colegas do sexo masculino, tendo em vista que ainda hoje as mulheres não tem as mesmas oportunidades que os homens no mercado de trabalho e dessa forma a dança, a vaidade e os retratos foram ficando cada vez mais distantes.

Esses aspectos dilemáticos presentes entre o sentido da vida e a sobrevivência fazem parte do Mito hindu de Kirthimuka, estudado por Carl Jung, que sua comentadora, Irene Arcuri, interpreta: “O mito apresentado traz o paradoxo da existência do ser humano - que passa a vida desenvolvendo um Ego que lhe possibilite existir, mas que ao mesmo tempo o aprisiona, e ele tem de dissolvê-lo para transcender” (ARCURI, 2012, p. 89).

No curta, essas séries de “Talvezes” são interrompidas pelo anúncio para ser modelo vivo e, todas as sensações vividas por Guida configuraram o impacto descrito por Jung para explorar o melhor de si, ou seja, uma segunda oportunidade para que aquela garota que gostava de dançar e tirar retratos pudesse ressurgir em sua vida.

A partir do mito hindu, Jung constitui o conceito de Metanoia que se torna possível ser observado como processo ao longo do filme. É a partir dessa conversão, dessa guinada de rota, que a personagem consegue reconstruir-se e alterar seu sentido de realização pessoal. Como o psicanalista expõe:

Na segunda metade da vida, a morte se torna mais uma realidade a ser aceita ou negada. E o reconhecimento daquelas forças e fraquezas que foram reveladas em anos anteriores também é um processo que pode ser proveitoso na velhice, conduzindo a uma aceitação de si mesmo. Isso incluiria [...] um completar-se da personalidade, no processo de individuação. Podemos falar de uma plenitude ou florescimento natural e de um sentido de uma vida satisfatoriamente vivida (JUNG *apud* PANDINI, 2011, p. 15).

No filme, a aposentadoria representa essa segunda metade da vida descrita. É possível observar que o trecho de C. G. Jung contraria a ideia de que o homem encontra-se totalmente formado psiquicamente ao chegar à fase adulta; muito pelo contrário, encontra-se em construção e em amadurecimento constante, inclusive, na terceira idade, o que implica em correr novos riscos e aceitar novas oportunidades.

Assim, o processo de metanoia representado por Guida mostra-se satisfatório e positivo, pois, nas próprias palavras de Jung, a partir dele, há um florescimento natural - ao final do filme há a perspectiva de satisfação pessoal, de movimento e nova integração social. Mas, pensando-se nas mulheres de meia-idade como todo, a qualidade desses processos transicionais pode variar.

No caso de Guida, as contingências, mesmo a princípio depressiva, apresentavam um quadro favorável. Apesar da sensação de isolamento, ela tinha bastante colegas dentro do próprio trabalho. Observe-se que aqui, a aposentadoria ganha uma perspectiva ambígua: embora esteja associada à perda do caráter produtivo do ser humano e a um isolamento das antigas atividades sociais, os ganhos que a mesma proporciona subsidiam a guinada de Guida em busca de uma atividade que traga real sentido a sua vida atual. Além disso, a aposentadoria lhe traria um tempo que, no caso dela, foi utilizado como ócio criativo. Esse tempo, para Jung, também se torna um importante ressignificador das próprias vivências.

## AS GUIDAS NO BRASIL

Entendendo Guida como uma representação positiva da metanoia, ainda é preciso perceber como esse processo pode ocorrer entre as mulheres brasileiras de sua faixa etária, isto é, cabe colocar em perspectiva, ante a realidade brasileira, o quanto Guida representa ou não uma mulher “padrão” dessa faixa etária no Brasil.

Em primeiro lugar, deve-se ponderar que a perspectiva de satisfação com a aposentadoria, em se pensando a condição de pessoas de meia idade do sexo feminino, no Brasil, ainda é desafiadora. Pensando um quadro geral brasileiro,

**Maria Lucilene Frazão SOUSA; Ana Letícia Guedes PEREIRA; ENVELHECIMENTO E METANOIA: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS POSSÍVEIS A PARTIR DO CURTA-METRAGEM GUIDA, DE ROSANA URBES. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2022. FLUXO CONTÍNUO. Ed. 35. V. 1. Págs. 294-309. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br).**

[...] a questão da ‘feminização’ do envelhecimento é um problema para as políticas públicas não somente sob o aspecto quantitativo, mas em relação ao perfil dessas novas beneficiárias. Essa geração de mulheres, na sua maioria, não participou do mercado de trabalho, e mesmo aquelas que trabalharam tiveram como principal porta de entrada o serviço doméstico, marcado pela baixa formalização. Além disso, um elevado contingente de idosas é pouco escolarizado e com baixa qualificação profissional (SOARES, 2012, p.2).

Identificando o lugar social de Guida, enquanto aposentada, ela não se enquadraria nessa faixa, pois, obteve aposentadoria por tempo de serviço e com maior escolarização que o mencionado por Soares, mas como destacado anteriormente, a aposentadoria nessa idade também se coloca como um indicador de cumprimento social, e, ainda, também, como indicativo de relativa estabilidade financeira.

O dado trazido por Cristiane Soares apresenta que grande parte das mulheres na faixa etária de Guida não teriam esse suporte financeiro, dado que não trabalharam formalmente para obtê-lo. No que tange à aposentadoria, pelo fato de Guida trabalhar em cargo atrelado ao poder público judiciário, com relativa estabilidade, alcançando ganhos de aposentadoria, economicamente ela seria equiparada mais a homens idosos que a mulheres idosas (FERNANDES e GARCIA, 2010).

Outro ponto que diferencia Guida da grande maioria de idosas brasileiras, diz respeito ao próprio arranjo familiar - apenas 16,7% das idosas vivem sozinhas. Como contínua Soares,

A maioria dos idosos brasileiros vive em arranjos familiares do tipo casal, seja com ou sem filhos (62%), embora a presença de filhos, na maioria das vezes, seja determinante para a presença do idoso na família. Quando o casal trabalha fora, o idoso assume parte da tarefa de educação e cuidado das crianças. O mesmo ocorre em famílias nas quais a mulher não tem cônjuge e tem filhos (SOARES, 2012, p. 8).

Observa-se que a autora expõe aqui que a condição de idosa da mulher costuma a colocar em uma função cuidadora em relação aos netos. Dessa forma, o tempo, que destacamos como componente fundamental para o processamento e elaboração das próprias mudanças para pessoas dessa faixa etária, acaba consumido por esse cuidado, o que pode prejudicar o entendimento de si, de suas vontades e necessidades, em detrimento ao de outros, de convívio tão próximo.

Cabe ainda salientar que esse quadro social apresentado ainda não entrou em questões financeiras das famílias, ou seja, até aqui falamos apenas sobre o fato de existirem

mulheres idosas que não possuem recursos financeiros próprios e de mulheres idosas que tendem a preencher seu tempo com o cuidado de outros familiares.

Ao pensar do ponto de vista financeiro, de mulheres idosas que têm seus próprios recursos, ainda é preciso considerar que muitas idosas são provedoras de família, e como aponta AROSA (2015), em estudo:

Eles [os idosos] percebem que sua função dentro do núcleo familiar é muito importante e que sua ajuda é fundamental para a sustentabilidade da família e isso lhes pesa, causa preocupação, porém também faz com que se sintam importantes, fundamentais até para o equilíbrio de seus núcleos familiares, o que reforça sua autoestima. Pôde-se constatar principalmente naqueles que além de provedores são cuidadores de netos, filhos, irmãos e até de mães o quanto isto lhes custa em termos de dedicação, abnegação de coisas que gostariam de estar realizando e preocupação em relação a seus dependentes e sua condição de idoso (AROSA, 2015, p. 181).

Ao observarmos as funções às quais muitos idosos estão inseridos na realidade brasileira, percebe-se que existem condições para a existência de desestabilizações emocionais ocasionadas por acúmulos de função - seja no âmbito de provimento financeiro ou mesmo de cuidado.

E, mesmo nas falas dos idosos entrevistados nas pesquisas elencadas, pouco se fala em autocuidado, ou mesmo em se estar junto com pessoas de suas idades, socializando, em ter um tempo para desempenhar atividades prazerosas a si (AROSA, 2015). Como também pontua Santos et al., sobre esse tema - do autocuidado mental - “percebemos que muitos idosos se sensibilizaram com suas próprias condições de velhos, seu papel e sua importância social na atualidade. Mas, muitos ainda necessitam encontrar a tão sonhada emancipação no mundo em que vivem”. (SANTOS et al., 2014, p. 92).

Essas preocupações devem ser analisadas, pois, muitos distúrbios relacionados à depressão também se relacionam à sobrecarga de tarefas e instabilidade econômica no cotidiano. Conforme aponta a revisão integrativa feita por Nóbrega et al., fatores sociodemográficos - dentre eles as questões financeiras - têm se apresentado como a principal origem de depressão entre idosos (NÓBREGA et al., 2015).

Assim, o confronto entre a personagem - Guida - com a “idosa padrão” nos leva a pensar se, no Brasil, existe apoio psicológico para esse idoso em transição, que ainda têm responsabilidades familiares e econômicas: quais poderiam ser as políticas públicas possíveis para que essas idosas, tal como Guida, florescessem, e exercessem novos papéis

de forma significativa para si, saudáveis, e ativas na sociedade? Seria preciso criar mais espaços para pessoas com a idade de Guida?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme Guida apresenta uma riqueza simbólica considerável para se discutir questões relacionadas ao envelhecimento, como o tempo se processa interiormente e individualmente e, sobre como essa passagem da metanoia pode - embora por vezes incerta e angustiante - trazer benefícios e qualidade de vida à população idosa, fazendo com que ela se sinta integrada harmoniosamente no mundo. É preciso salientar que Guida aponta uma trajetória, um caminho que não é único.

Devemos perceber que, como pontua Santos et al. :“Os seres humanos têm diferentes experiências de vida e reagem de diferentes formas em relação à finitude. Contudo, quanto mais se compreender este fato, melhor será sua abordagem e mais plenamente se viverá até esse fim” (SANTOS et al., 2014, p. 91).

O curta Guida traz uma representação sensível e simbólica desse processo intenso de redescoberta de si, na segunda fase da vida. Assim, destacamos como o curta pode nos ajudar a construir melhores vivências de metanoias a nossos idosos: que os ajudem a encontrar o novo *self* deles próprios com qualidade de vida e integração social.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Emily et al. Escalda pés como prática integrativa e complementar em saúde para mulheres portadores de doenças crônicas: relato de experiências. **Congresso Online Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde**. 2. ed. de 19/04/2021 a 22/04/2021. ISBN dos Anais: 978-65-86861-96-9. Disponível em <https://eventos.congresse.me/conapics/resumos/9473.pdf>. Acesso em 19 fev 2022.

ARCURI, Irene Pereira Gaeta. Velhice e Espiritualidade–Metanoia, “A segunda metade da vida”, segundo Carl Gustav Jung. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 15, n. 2, 2012, p. 87-104.

AREOSA, Silvia Virginia Coutinho. Idosos provedores: a importância dos recursos da aposentadoria para as famílias brasileiras. **Barbarói**, 2015, p. 173-184. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/5527> . Acesso em 19.fev.2022.

ARTE ABERTA. **Guida**. Blog. URL:<https://arteaberta.com/guida/> Acesso em 14.01.22.

BATE PAPO ILUSTRADO [canal do Youtube]. **Entrevista com Rosana Urbes**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wi0NshZPkZQ>. Acesso em 14.jan.2022.

CERVENY, C. M. de O & BERTHOUD, C. M. E.(Orgs.), **Família e ciclo vital, nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

Maria Lucilene Frazão SOUSA; Ana Letícia Guedes PEREIRA; ENVELHECIMENTO E METANOIA: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS POSSÍVEIS A PARTIR DO CURTA-METRAGEM GUIDA, DE ROSANA URBES. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2022. FLUXO CONTÍNUO. Ed. 35. V. 1. Págs. 294-309. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br).

CHEVALIER, Jean; GUEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, p.244. Disponível em <https://docero.com.br/doc/8v0ennm> . Acesso em 20. fev.22.

**25º FESTIVAL Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo: Guia**. Kinoforum, São Paulo, 2014. Disponível <http://www.kinoforum.org.br/curtas/2014/filme/39726/guia>. Acesso em 07.01.22.

FERNANDES, Maria das Graças Melo; GARCIA, Loreley Gomes. O sentido da velhice para homens e mulheres idosos. **Saúde e Sociedade**, v. 19, p. 771-783, 2010. Disponível: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/YQZFS6ZLSfKxw8WWDJWVj3b/abstract/?lang=pt>. Acesso em 19.fev.2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JUNG, Carl Gustav. As etapas da vida humana. In: **A natureza da psique**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p.161-169.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do Inconsciente**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LIMA, Priscilla Melo Ribeiro de; CAMARGO VIANA, Terezinha de; LIMA, Sostenes Cezar de. Estética e poética da velhice em narrativas autobiográficas: um estudo a luz da psicanálise. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 15, n. 1, 2015, p. 58-78. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/YQZFS6ZLSfKxw8WWDJWVj3b/abstract/?lang=pt>, acesso em 19.fev.2022.

NÓBREGA, Isabelle Rayanne Alves Pimentel da et al. Fatores associados à depressão em idosos institucionalizados: revisão integrativa. **Saúde em Debate**, v. 39, n. 105, 2015, p. 536-550.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/gfFFTzQKvvCLZr3SWHCXJ6C/abstract/?lang=pt>, acesso em 19.fev.2022.

PANDINI, Ana Lúcia Ramos. **Metanoia: caminho para o desenvolvimento no meio da vida**. 2014. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-19122014-110846/pt-br.php>, acesso em 19.fev.2022.

PAPALIA, Diane E.; OLDS Sally W.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 10. ed. Porto Alegre. Artmed. 2010.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s)**. In: **VI Congresso Sopcom. 2009**. p.3-13. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>, acesso em 19.fev.2022.

RODRIGUES, L. de S.; SOARES, G. A. Velho, Idoso e Terceira Idade na Sociedade Contemporânea. **Revista Ágora**, Espírito Santo, n. 4. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1901>. Acesso em 13.12.21.

ROZENDO, Adriano da Silva; JUSTO, José Sterza. Velhice e Terceira Idade: tempo, espaço e subjetividade. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 14, n. 2, p. 143-159, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/8212>, acesso em 19.fev.2022.

SANTOS, D. de F., MOREIRA, M. A. de A., & CERVENY, C.. Velhice - considerações sobre o envelhecimento: imagens no espelho. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 23, n.48, 2014, p. 80–94. Recuperado de <https://revistanps.com.br/nps/article/view/53>, acesso em 10.fev.2022.

SOARES, Cristiane. Envelhecimento populacional e as condições de rendimento das idosas no Brasil. **Revista Gênero**, v. 12, n. 2, 2012. Disponível: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31155>, acesso em 19.fev.2022.



WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Sobre a análise fílmica psicanalítica. **Revista Subjetividades**, v. 17, n. 1, p. 1-11, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5275/527554779001.pdf>, acesso em 19.fev.2022.

**Maria Lucilene Frazão SOUSA; Ana Leticia Guedes PEREIRA; ENVELHECIMENTO E METANOIA: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS POSSÍVEIS A PARTIR DO CURTA-METRAGEM GUIDA, DE ROSANA URBES. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2022. FLUXO CONTÍNUO. Ed. 35. V. 1. Págs. 294-309. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br).**